

## **Povo que habitava a Ilha de Páscoa pode não ter entrado em colapso**

Você provavelmente conhece a Ilha de Páscoa como "o lugar com as cabeças de pedra gigantes". Esta remota ilha, a 3.700 quilômetros da costa do Chile, tem sido vista como misteriosa - um lugar onde os marinheiros polinésios acamparam, construíram estátuas gigantes e depois destruíram sua própria sociedade através da guerra e da exploração excessiva dos recursos naturais. No entanto, um novo artigo na revista *Journal of Pacific Archaeology* sugere uma história mais complexa: analisando a composição química das ferramentas usadas para criar as grandes esculturas em pedra, os arqueólogos encontraram evidências de uma sociedade sofisticada em que as pessoas compartilhavam informações e colaboravam.

"Durante muito tempo, as pessoas se perguntavam sobre a cultura por trás dessas estátuas tão importantes", diz Laure Dussubieux, cientista do museu Field Museum e uma das autoras do estudo. "Este estudo mostra que essas pessoas interagiam, e está ajudando a revisar a teoria."

"A idéia da competição e colapso na Ilha de Páscoa pode ser exagerada", diz o principal autor do estudo, Dale Simpson Jr., arqueólogo da Universidade de Queensland. "Para mim, a indústria da escultura em pedra é uma evidência sólida de que havia cooperação entre as famílias e grupos que faziam o artesanato".

As primeiras pessoas (ou, na língua local, os Rapa Nui) chegaram à Ilha de Páscoa há cerca de 900 anos. "A população fundadora, segundo a tradição oral, era composta por duas canoas lideradas pelo primeiro chefe da ilha, Hotu Matua," diz Simpson, que atualmente faz parte do corpo docente da Faculdade de DuPage. Ao longo dos anos a população aumentou, chegando a milhares de indivíduos e formando a complexa sociedade que esculpiu as estátuas pelas quais a Ilha de Páscoa é conhecida hoje em dia. Essas estátuas, ou moai, muitas vezes referidas como "cabeças da ilha de Páscoa", são na verdade esculturas de corpo inteiro que se tornaram parcialmente enterradas com o passar do tempo. Há quase mil moai, que representam importantes ancestrais de Rapa Nui, e o maior deles tem mais de 21 metros de altura.

De acordo com Simpson, o tamanho e o número dos moai sugerem uma sociedade complexa. "Os antigos Rapa Nui tinham chefes, sacerdotes e guildas dos trabalhadores que pescavam, cultivavam e faziam os moai. Há um certo nível de organização sociopolítica necessário para esculpir quase mil estátuas", diz Simpson.

Escavações recentes de quatro estátuas na região interior de Rano Raraku, a pedreira das estátuas, foram conduzidas por Jo Anne Van Tilburg do Instituto de Arqueologia de Cotsen, UCLA e presidente do Projeto de Estátua da

Ilha de Páscoa, em conjunto com a equipe de escavação de Rapa Nui. Para entender melhor a sociedade que fabricou as estátuas, Simpson, Dussubieux e Van Tilburg examinaram detalhadamente vinte e uma entre as cerca de 1.600 ferramentas de pedra feitas a partir da pedra vulcânica chamada basalto, que haviam sido recuperadas nas escavações de Van Tilburg. Cerca de metade das ferramentas recuperadas, chamadas toki, eram fragmentos que sugeriam de que forma elas eram utilizadas.

Para Van Tilburg, o objetivo do projeto era obter uma melhor compreensão de como os fabricantes de ferramentas e escultores das estátuas podem ter interagido, obtendo assim uma visão de como funcionava essa indústria de produção de estátuas. "Queríamos descobrir de onde vinham as matérias-primas usadas para fabricar os artefatos", explicou Dussubieux. "Queríamos saber se as pessoas estavam manuseando o material que estava próximo de onde moravam."

Há pelo menos três fontes diferentes de material, na Ilha de Páscoa, que os Rapa Nui usaram para fazer suas ferramentas de pedra. As pedreiras de basalto cobrem doze mil metros quadrados, uma área do tamanho de dois campos de futebol. E essas diferentes pedreiras, as ferramentas que vieram delas e o movimento entre os locais geológicos e sítios arqueológicos esclarecem questões sobre a sociedade pré-histórica de Rapa Nui.

"O basalto é uma rocha acinzentada que não aparenta ter nada de especial, mas quando se investiga a composição química das amostras de basalto das diversas fontes, é possível enxergar diferenças muito sutis nas concentrações dos elementos variados", explica Dussubieux. "As pedras de cada fonte são diferentes por causa da geologia de cada local."

Dussubieux liderou a análise química das ferramentas de pedra. Os arqueólogos usaram um laser para cortar pequenos pedaços de pedra do toki e depois um instrumento chamado espectrômetro de massa para analisar as quantidades de diferentes elementos químicos presentes nas amostras. Os resultados apontaram para uma sociedade que Simpson acredita ter envolvido uma boa quantidade de colaboração.

"A maioria dos toki veio de um mesmo complexo de pedreiras - uma vez que as pessoas encontravam a pedreira que gostavam, ficavam com ela", diz Simpson. "Para todo mundo estar usando um mesmo tipo de pedra, eu acredito que eles tiveram que colaborar. É por isso que eles foram tão bem sucedidos - eles estavam trabalhando juntos".

Para Simpson, esse nível de cooperação em larga escala contradiz a narrativa popular de que os habitantes da Ilha de Páscoa ficaram sem recursos e se extinguiram. "Há muito mistério em torno da Ilha de Páscoa, porque é tão isolada. Mas, na ilha, as pessoas estavam, e ainda estão, interagindo em sociedades com muitas pessoas", diz Simpson. Enquanto a sociedade foi mais tarde dizimada pelos colonos e pela escravidão, a cultura Rapa Nui persistiu. "Há

milhares de pessoas Rapa Nui vivas hoje - a sociedade não se foi", explica Simpson.

Van Tilburg pede cautela na interpretação dos resultados do estudo. "O uso quase exclusivo de uma pedreira para produzir essas dezessete ferramentas suporta uma visão da especialização artesanal baseada na troca de informações, mas não podemos saber neste momento se a interação foi colaborativa. Ela também pode ter sido coercitiva de alguma forma, o comportamento humano é complexo. Este estudo incentiva o mapeamento adicional das pedras, e nossas escavações continuam a esclarecer aspectos do entalhe moai ". Além de potencialmente abrir o caminho para uma visão mais sutil do povo Rapa Nui, Dussubieux observa que o estudo é importante por causa de sua compreensão mais ampla de como as sociedades funcionam. "O que acontece neste mundo é um ciclo, o que aconteceu no passado vai acontecer de novo", diz Dussubieux. "A maioria das pessoas não vive em uma pequena ilha, mas o que aprendemos sobre as interações das pessoas no passado é muito importante para nós agora, porque o que molda nosso mundo é como interagimos."